

GRANDES METAS DO
PAPA FRANCISCO

- Acompanhamento de vocações homossexuais, *José Lisboa Moreira de Oliveira*
- Ano santo da misericórdia, *Cláudio Hummes*
- Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso, *João Décio Passos*
- Curso de preparação para ministérios leigos, *Diocese de Caxias do Sul*
- Diaconia da palavra: o ministério e a missão do diácono permanente, *Julio Cesar Bendinelli*
- Diálogo das religiões (O), *Andrés Torres Queiruga*
- Diálogos noturnos em Jerusalém: sobre o risco da fé, *Carlo Maria Martini; Georg Porcs Hill*
- Dicionário da Evangelii gaudium, *Paulo Suess*
- Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do documento de Aparecida, *Paulo Suess*
- Discípulos e missionários: reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade, *Benedito Beni dos Santos*
- Dom Helder Câmara: profeta para os nossos dias, *Marcelo Barros*
- Dom Helder Câmara: um modelo de esperança, *Martinho Condini*
- Encontro com Cristo: vencer medos, viver de esperança, *Bruno Carneiro Lira*
- Evangelho e instituição, *Marcelo Barros*
- Fé viva: como a fé inspira a justiça social, *Curtiss Paul DeYoung*
- Felicidade e a realização humana no trabalho (A): elementos fundamentais à luz da doutrina social da Igreja, *Anderson Francisco Faenello*
- "Fomos a um Concílio": a surpresa do Vaticano II, *José Marins*
- Grandes metas do Papa Francisco, *Cláudio Hummes*
- Herdeiros de Abraão: o futuro das relações entre muçulmanos, judeus e cristãos, *Bradford E. Hinze; Irfan A. Omar*
- Igreja do futuro e o futuro da Igreja (A): perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio, *Agenor Brighenti*
- Igreja: comunhão, participação, missão, *João Panazzolo*
- Impulsos e intervenções: atualidade da missão, *Paulo Suess*
- Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo, *Cesar Kuzma*
- Noites de um profeta (As): dom Helder Câmara no Vaticano II, *José de Broucker*
- Nunca pare de sonhar: o sonho do presbítero que ama Jesus e sua Igreja, *Jésus Benedito dos Santos*
- Ovelha ou protagonista?
A Igreja e a nova autonomia do laicato do século XXI, *Renold Blank*
- Para compreender o documento de Aparecida: o pré-texto, o con-texto e o texto, *Agenor Brighenti*
- Paróquia missionária: projeto de evangelização e missão paroquial na cidade, *Humberto Robson de Carvalho*
- Por uma paróquia missionária à luz de Aparecida, *Gelson Luiz Mikuszka*
- Presbítero consagrado nos institutos seculares (O), *Giuseppe Forlai*
- Sujeitos no mundo e na Igreja, *João Décio Passos (org.)*
- Unidade da Igreja (A): ensaio de eclesiologia ecumênica, *Elias Wolff*
- Vocação: convite para servir, *José Dias Goulart*

Cardeal Dom Cláudio Hummes, OFM

GRANDES METAS DO PAPA FRANCISCO



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Anderson Daniel de Oliveira*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hummes, Cláudio

Grandes metas do Papa Francisco / Cláudio Hummes. – São Paulo: Paulus, 2017. – (Coleção Comunidade e missão)

Bibliografia.

ISBN: 978-85-349-4509-7

1. Francisco, Papa, 1936-2. Igreja Católica.

I. Título. II. Série.

16-00211

CDD-262.13

Índice para catálogo sistemático:

1. Papas: Homenagens: Igreja Católica: Cristianismo 262.13

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro

Televenda: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**



1ª edição, 2017

© PAULUS – 2017

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-4509-7

APRESENTAÇÃO

Este livreto surgiu da admiração por nosso querido Papa Francisco e do desejo de homenageá-lo – ainda que modestamente – por seus oitenta anos de idade. Lembrar e expor de forma breve aquelas que, a meu ver, são as principais grandes metas de seu pontificado, pareceu-me importante. Faço-o com simplicidade, em textos que não são longos. Muito poderia dizer-se a respeito de cada uma dessas metas, mas a forma breve me pareceu facilitar sua leitura.

Cardeal Dom Cláudio Hummes, OFM



NOVO PAPA, NOVO TEMPO

No início de 2013, a Igreja e o mundo foram surpreendidos com a renúncia do Papa Bento XVI. Havia seiscentos anos que um Papa não renunciava. A notícia parecia inacreditável. Mas não. Bento XVI, de fato, havia renunciado. Mas por que renunciou? Ele foi um Papa que brilhou por seu magistério. Grande teólogo e santo homem. Escreveu muito, antes de ser Papa e durante seu papado. Sabe dizer com racionalidade e simplicidade as verdades teológicas mais profundas e complexas. Ao mesmo tempo, sua teologia é enriquecida de expressiva espiritualidade. Por certo, será lembrado como Papa teólogo e extraordinário Mestre da fé. Mas por que renunciou? A razão por ele alegada foi a de não se sentir mais em condições físicas e psicológicas para continuar a conduzir hoje a Igreja. De fato, sua idade já era avançada e o peso do governo da Igreja havia se tornado bem maior nos últimos tempos. Basta lembrar as principais crises e escândalos que assolavam a Igreja, como a crise da descristianização, sobretudo no Ocidente, em grande

parte causada pela cultura pós-moderna dominante, a crise de milhões de católicos migrando para outras Igrejas cristãs, a diminuição drástica das vocações sacerdotais e religiosas, o aumento do número de divórcios e de casais de segunda união, os escândalos da pedofilia e do chamado “Vatileaks”, os problemas internos da Cúria Romana e do IOR¹ e assim por diante. Em consequência, a Igreja católica era constantemente criticada, quando não denunciada pela mídia internacional, e muitos católicos, diante de tudo isso, estavam perplexos e confusos.

De início, a renúncia do Papa deixou muitos desorientados. A mídia do mundo inteiro especulava sobre os motivos da renúncia e sobre o futuro da Igreja. Mas, aos poucos, os católicos e a opinião pública em geral deram-se conta de que o gesto de Bento XVI era de muita grandeza. Um gesto que merecia ser aplaudido, pois manifestava, de um lado, grande racionalidade e, de outro, profunda humildade. Só um Papa muito racional e muito santo poderia tomar uma decisão tão grave e, ao mesmo tempo, tão cheia de novos horizontes e esperanças.

Nesse contexto, o Colégio dos Cardeais é convocado para o Conclave a fim de eleger o novo Papa. Depois de um dia e meio de votações, foi eleito o Cardeal Jorge Mário Bergoglio, um latino-americano, argentino, arcebispo de Buenos Aires, jesuíta, com

¹ IOR: Instituto para Obras de Religião, também conhecido como Banco do Vaticano. (N.R.)

76 anos de idade, que tomou o nome de Francisco. Uma enorme surpresa do Espírito Santo! O mais surpreendente foi tratar-se de um latino-americano e de haver tomado o nome Francisco. O novo Papa, como explicou aos jornalistas, tomou esse nome inspirado em São Francisco de Assis, que é o santo dos pobres, da paz e da preservação da natureza. O fato de ser um latino-americano significou, por sua vez, um salto enorme para a Igreja, pois assim abria-se caminho para superar a demasiada europeização da Igreja. Abria-se potencialmente a Igreja para grandes novidades e para enormes desafios de inculturação. A partir de então, tornava-se mais fácil fechar velhas portas, histórica e culturalmente ultrapassadas, e tornava-se possível abrir novas portas, mais condizentes com o mundo atual e o futuro. Um novo tempo se iniciava para a Igreja. Os Cardeais, durante os três dias de reuniões antes do Conclave, já haviam pedido uma série de reformas na Igreja. O novo Papa logo manifestou que pretendia atender a esses apelos.

Imediatamente, o novo Papa começou a mostrar sua coerência com o nome Francisco. Diante dos Cardeais e do povo aglomerado na Praça de São Pedro para ver o novo Papa, Francisco apareceu com vestes simples, despojadas e pobres, sem pompa e sem esplendor. Não quis morar no apartamento pontifício do Palácio Apostólico, mas escolheu como residência pessoal um apartamento da Casa Santa Marta, que é um hotel dentro do Vaticano. Explicou que isso lhe

· · GRANDES METAS DO PAPA FRANCISCO

·
·
· possibilitaria maior proximidade com todas as pes-
· soas. Dispensou os paramentos vistosos e adotou
· paramentos simples para as celebrações litúrgicas.
· Dispensou o carro de luxo e adotou um automóvel
· simples e popular para sua locomoção. Enfim, com
· muitos outros gestos e palavras, começava a reformar
· a figura do Papa e a forma de exercer o ministério
· papal, coerente com o pobre São Francisco de Assis.
· Diante de tudo isso, o povo católico, por seu lado,
· estava feliz e comovido.

2

“CHORAR OS MORTOS QUE NINGUÉM CHORA”

Migrantes e refugiados

O vigor do pastoreio do Papa Francisco se explica em grande parte por seu testemunho, suas atitudes, seus gestos, que autenticam suas palavras e orientações. Logo no início de seu ministério, Francisco, em 8 de julho de 2013, viaja à ilha italiana de Lampedusa. Ali estava acontecendo e perdurando uma gigantesca tragédia humana. A tragédia de milhares de migrantes vindos da África e do Oriente Médio, que tentavam atravessar o mar Mediterrâneo rumo à Europa, em busca de refúgio ou de melhores condições de vida. Eram pessoas de todas as idades. Muitas mulheres e crianças. Deixavam suas terras de origem, seja por conta de perseguição política ou religiosa, seja por conta da pobreza, miséria e fome. Nessa luta por fugir e sobreviver, eram aliciados por indivíduos inescrupulosos e criminosos, que prometiam transportá-los em barcos através do Mediterrâneo para a Europa. Embora explorados e enganados, iam em frente, porque a esperança de liberdade e de um futuro melhor

·
·
·
·
·
·
era maior do que qualquer sacrifício. Assim, eram levados em barcos precários e superlotados do norte da África para a Itália, através do mar. O porto italiano mais próximo era o de Lampedusa. Eram longos dias de viagem lenta e desesperante. Mas nem todos conseguiam chegar. Muitos morriam durante a travessia, seja por conflitos ou doença, seja porque os barcos afundavam. Os mortos no mar foram aos poucos somando milhares e milhares. O povo e as autoridades de Lampedusa procuravam acolher os que conseguiam chegar vivos, mas eram tantos! E para onde iriam? Era um sofrimento sem fim e sem horizonte. Era um grito angustiante, a cujo eco o mundo não respondia.

Entretanto, o novo Papa, Francisco, ao ouvir o grito, acudiu e foi pessoalmente ao local da tragédia para encontrar toda esta gente pobre, maltratada, sofrida e ignorada. Foi sua primeira viagem apostólica como novo Papa. Haveria de ser um marco norteador para seu ministério dali para a frente. A tragédia dos migrantes e a indiferença do mundo.

Em Lampedusa, Francisco percorreu de barco a costa e lançou ao mar uma coroa de flores. O barco foi o mesmo que desde 2005 já havia socorrido 30 mil pessoas apanhadas nos naufrágios. Depois, seguiu-se a Santa Missa, em que o Papa agradeceu e encorajou a população de Lampedusa a continuar a acolher os refugiados, para dar exemplo ao mundo. Consolou e encorajou os migrantes e com eles se solidarizou. Mas denunciou e condenou a indiferença com que o

mundo estava tratando essa tragédia, uma indiferença inaceitável:

Quem de nós chorou por este fato e por fatos como este? Quem chorou pela morte destes irmãos e irmãs? Quem chorou por estas pessoas que vinham no barco? Pelas mães jovens que traziam seus filhos? Por estes homens cujo desejo era conseguir qualquer coisa para os seus filhos? Somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de “padecer com”: a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar! (...) Peçamos a Deus a graça de chorar pela nossa indiferença, de chorar pela crueldade que há no mundo, em nós, incluindo aqueles que, no anonimato, tomam decisões socioeconômicas que abrem a estrada aos dramas como este. Quem chorou? Quem chorou hoje no mundo?

A partir de Lampedusa, Francisco tornou-se o grande defensor dos migrantes, sacudindo os países da Europa para que se abram e acolham. Sempre de novo, ele volta ao tema, pois vê que muitos países são pouco acolhedores, porque dão prioridade a seus próprios interesses, alegando problemas econômicos, sociais ou de segurança! Mas o Papa repete que os direitos das pessoas migrantes não podem ser atropelados nem recusados.

Em 25 de novembro de 2014, Francisco visitou o Parlamento Europeu, que representa toda a União Europeia. Em seu discurso, o Papa voltou com

•

•

•

Nesse meio-tempo, Francisco chegou a acolher famílias de refugiados no Vaticano.